amor possível

cecilia sizanoski chananda buss giulia michelotto juliana sehn

o amor possível

Autores e autoras:

Luiz Carlos Heleno

Emily Gomes

Marcos A.D. Pereira

Maria Eduarda de Marco

José Carlos Fernandes

Paloma Medeiros

Giulia Maia

Murilo Rocha

Fagner Jorge

B.F. Coala

Julia Chagas

Caroline Moresco

Francieli Kazmierczak

Alisson Silva

Mayara Santos

Emanuel Mota

Rafael Luz

Luiza Balliana Rossatto Opuszka

Isabela Stanga

William Kokubun

Edição geral: Giulia Michelotto

Edição de texto: Juliana Sehn

Diagramação: Cecilia Sizanoski

Direção de arte: Chananda Buss

Nossos sinceros agradecimentos a todos aqueles que nos ajudaram a dar vida para este livro, especialmente ao professor José Carlos Fernandes e às monitoras Catherine Grein e Letícia Barbosa Ribeiro. Sem suas valiosas orientações, não seria possível realizar este livro. Agradecemos também aos escritores que contribuíram para a realização desta obra com seus preciosos textos relacionados ao amor.

Dedicamos este livro a todos os que amam, não importa a quem ou a quê.

Sumário

"O amor é uma flor roxa, que nasce, cresce e brota no coração do trouxa" —Terra Samba

Introdução	8
lua nova	10
lua crescente	32
lua cheia	50
lua minguante	72

Introdução

Este livro nasceu da nossa vontade de coletar histórias de amor, como uma forma de celebrá-lo e de contemplá-lo em suas diferentes formas. Todos os textos apresentados aqui foram enviados voluntariamente por pessoas diferentes, a maioria delas não sendo escritores profissionais.

O título O Amor Possível veio de uma reunião do projeto com a nossa monitora Catherine e o professor José Carlos, que acompanharam o nosso processo de produção. Contamos na reunião que a maior parte dos textos recebidos eram tristes e que as pessoas pareciam estar desiludidas em relação ao amor. Diante disso, o professor Zeca, que também nos deu a honra de enviar textos dele para o nosso livro e comentou: "É o amor possível". Mais tarde, escolhemos utilizar essa fala como inspiração para o título do nosso livro, que representa, de fato, formas de amor possíveis, uma vez que grande parte dos textos apresentados aqui são baseados em histórias ou, pelo menos, em sentimentos reais.

Assim como o amor, a lua é a luz que ilumina a escuridão da noite e é cheia de fases. O sentimento crescente, a plenitude do amor, a emoção que se esvai e míngua, precedem a escuridão que assola nosso coração e o preparam para a próxima fase. Pensando nisso, utilizamos como conceito para este livro a lua e suas fases como representação do amor.

Este livro foi produzido como trabalho final da disciplina Projeto Editorial e Gráfico, ministrada pelo professor José Carlos Fernandes para o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

• lua nova •

Primeira fase lunar.

Fim de uma lunação e início de outra.

Lado escuro da Lua voltado para a

Terra.

Reflexão e autoconhecimento.

Introspecção.

Ah, O amor...

Giullia Maia

É muito clichê falar de amor. Todo mundo fala. Poesias épicas, contos, romances, todo e qualquer tipo de literatura tem seu resquício do que acredita-se ser amor. Eu não vou ser diferente. Vou falar do que nos move, por bem ou por mal.

Drummond, um dos mais brilhantes domadores de palavras, define bem o que é o amor: hoje beija, amanhã não beija, depois de amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe o que será. Talvez acreditar nesses versos seja doloroso, já que, quando alguém sente paixão ardendo em suas entranhas, não sabe e nem quer saber de ficar longe de quem ama. Mas a verdade é que, em algum momento dessa vida, o tão temido e esperado amor se torna mais leve. Menos carregado de expectativa, ele vem de fininho, "no sapatinho", como diriam pagodeiros cariocas.

Mais um clichê: quanto menos você procura, mais ele te busca. A busca desesperada por aquilo que, teoricamente, é o sentido dessa vida, também não deve ser diminuída ou negada. Não é raro entre os apaixonados a eterna e desesperada caça por atenção. Uma mensagem,

Lua Nova

15

um sinal de que possivelmente aquele ser que tanto me enlouquece possa estar pensando no nosso futuro cheio de filhos e cães me enche de esperança. Cuidado: a expectativa é maliciosa. Ainda mais quando vem acompanhada de uma dose escaldante de desejo, e outra pitada apimentadíssima de ciúme.

Esperar algo do outro nunca foi uma boa saída. Menos ainda quando se trata de relações amorosas. Quantas vezes você, caro leitor, flagrou-se descontente com uma atitude, já que você esperava outra (tão óbvia, segundo você)? É perigoso. Se não fosse, não seria atraente. O amor pode ser imprevisível na segunda, na terça ou quinta. Mas uma coisa é certa: é ele que nos faz aguardar tão ansiosamente o final de semana.

Descompasso

Maria Eduarda de Marco

hoje só espero dançar aquele meu passo torto que de tanto querer se orquestrar ficou ainda mais solto

aquele passo que ela nunca entendeu disse que era muito vulgar mas meu passo não é cria de um deus meu passo é pra dançar

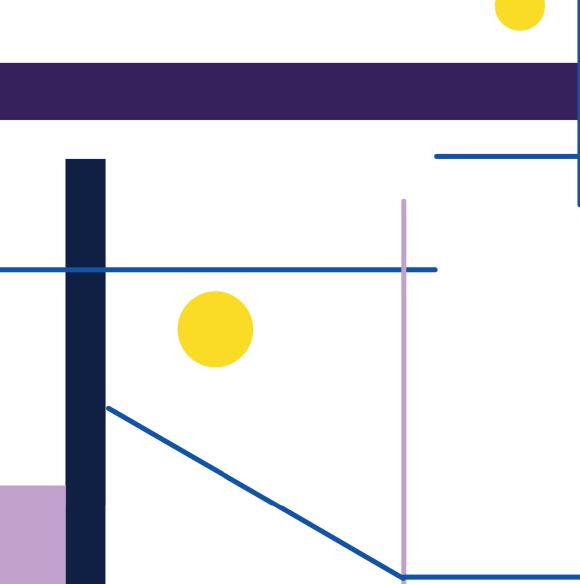
eu danço é pelo tropeço às vezes até caio naquele bar sambo com ela, dou um beijo nele vou pro meu canto, meu baile não tem par

no meu canto, nunca fui anjo cortei minhas asas pra ir pelo mar eu vim da água, nasci brisa e já chovi o barco é bambo, mas sei remar no meu canto, nunca fui nada e sou isso tudo meu canto é em lugar nenhum e em todos os lugares do mundo

Não se apegue

Paloma Medeiros

Não se apegue a essa minha Maneira de ser Amanhã posso não ser mais Nós mudamos sempre Você concorda E me acusa "você mudou" Não se apegue nem a minha Inconstante forma de ser... Talvez me canse de novo por um tempo Ai! Por favor Não seja hipócrita Você berra, chora e muda Toda hora. E você concorda. Diz ainda que não gosta Eu não te conheço, eu sei. Mas e você se conhece? Eu não sei



esse coração por aí

dá nada

com você

danado

Maria Eduarda de Marco

Lua Nova

Haja amor

José Carlos Fernandes

Os meses de pandemia inventaram uma nova forma de debate – o fórum anárquico. Como se diz, no trocadilho, seria cômico não fosse trágico. O modelo, ainda em evolução, é mais dinâmico do que o já clássico "tudo ao mesmo tempo agora". Trata-se de uma espécie de "todo mundo recebendo mensagem por todos os meios ao mesmo tempo". O estresse digital – uma doença contemporânea que começa a ser estudada com afinco – atingiu seu pico e não há meio de diminuir esta curva tão cedo. A brincadeira de que a inscrição da nossa lápide será "enfim, offline", nunca disse respeito a tanta gente.

Longe de nós maldizer a tecnologia. Na epidemia de peste bubônica que varreu Londres em 1665, 19% da população morreu – algo como 17,4 mil pessoas. Some-se 40 mil cães e 20 mil gatos abatidos – tudo descrito com detalhes mórbidos no livro O diário do ano da peste, de Daniel Defoe. Despedir-se de alguém, mandar um motivacional, ou coisa que valha, era, por certo, para os fortes, os loucos ou os negacionistas – tribos já em atividade naquele tempo, como se pode confirmar na escrita de Defoe.

Em outras obras – e são muitas, baseadas em fatos reais ou ficcionais – a dor de não poder estar com os afetos durante epidemias e pandemias emerge, sempre, como uma equação exponencial. Como se não bastasse a morte certa, a privação dos abraços e seus desdobramentos... O lamento da "ausência" vai do irreverente Decameron, de Boccaccio – ambientado na Peste Negra de Florença (1348) – ao seminal A peste (1947), de Albert Camus, que usa a doença como analogia para falar da ascensão do nazismo. Exceção, mesmo, é O amor nos tempos do cólera, de Gabriel García Márquez, no qual um surto serve de ambiente para falar de uma paixão que esperou 53 anos, 7 meses e 11 dias para se realizar. A propósito, quem não leu, não viveu.

A pandemia de covid-19 não será lembrada pela impossibilidade de falar ou mesmo de ver pessoas do nosso círculo. Pelo contrário — promoveu uma overdose de mensagens e estímulos, e só assim para explicar a impotência diante dos ponteiros do relógio, correndo de nós como crianças malcriadas. Os dias escaparam das mãos, frustrando a determinação de ler Dostoievski, Tolstói e James Joyce — de sobremesa, como se fosse possível. Não houve concentração para tanto. Pudera. Foi uma prova de fogo — medos próximos conviveram com temores distantes. Paralelo ao coração sempre na mão, a afirmação aqui e ali de que o mundo, tal como o conhecemos, nunca mais seria o mesmo, atazanou os ouvidos. O desejado fim da pandemia seria também o fim de uma era? E como será?

A lista de questões abertas pela pandemia – todas, sem exceção, atiradas na roda viva do fórum anárquico de debates online – estão sem resposta, em sua maioria. Elucidá-las é um exercício de futurologia.

Mas há pistas do que vai permanecer em pauta. Exemplos? O tamanho do Estado; o mundo do trabalho em regime home office;

o socorro aos empobrecidos pelo coronavírus; os novos limites da educação a distância; o lazer, entretenimento e a cultura numa sociedade, pelo visto, cronicamente isolada.

Dentre as poucas certezas surgidas em meio às conversas digitais—interrompidas aqui e ali, e não raro polarizadas—está a de que "não haverá país possível", como cunhou, com profetismo, o escritor Ignácio de Loyola Brandão, sem solidariedade. A palavra é um oceano de possibilidades, sabemos, e passível de ingenuidades, inclusive. Passa por dividir comida, mas também por políticas de repartição de riqueza, que nascem de políticas públicas discutidas à exaustão.

Nesse cenário – o mundo web, que tanta canseira nos dá – é de fato o novo espaço público. Essa máxima é defendida pelo antropólogo Olivier Mongin no livro A condição urbana (2009). Do "unidos venceremos" passamos ao "conectados venceremos". A rede – que é sinônimo de paixões, as paixões tristes, inclusive – é também espaço para enxergar além da paróquia, para uma live com neozelandeses, portugueses, uruguaios e quem mais tenha entendido o recado do ano da peste de 2020. Tivemos um aprendizado difícil – mas estamos prontos para um encontro online, salvaguarda, quem diria, da natureza, da economia e dos afetos.

Partida

Marcos A.D. Pereira

Sua a primavera
e tantas estações mais
O trem sempre parte
na mesma hora, vai
Ternura é essa tessitura
tão delgada, caprichosa
de amar

Emily Gomes

Ainda consigo ouvir os sons das nossas risadas daquela noite; Ainda consigo sentir os seus cabelos no meio dos meus dedos; Ainda consigo sentir o arrepio na espinha. Sempre que passo pela rua em que te puxei e te beijei, escondido dos nossos amigos. É quase possível sentir o seu cheiro como se ainda restasse algo nosso naquele lugar, pois se eu olhar bem, ainda posso ver duas crianças adulteradas por aquilo que fingiam não sentir.

Ah, caro leitor(a), perdoe a minha tolice! São apenas lembranças. É isso! Virei uma colecionadora de lembranças, só escrevo, falo, canto o que já passou já que o novo... Ah, o novo? Esse sim eu esqueci como é

Chão de terra molhada

Paloma Medeiros

Os pés mal sentem as pedras Escutem os chacoalhar das folhas Pés de manga ou roseiras. Escutem o passarinho.

O sol vai embora Laranja, azul e amarelo Nos cantos da casa, as malas Bagagens de vidas inteiras Que ficam, que vão, que foram.

Folhas de Almeirão

Murilo Rocha

Fui à feira logo após acordar O almeirão se dispôs com fulgor E me fez tudo para lembrar Daquele que é certamente meu amor

Meu cesto de palha se movimentou (eu o enchi com alecrim) Salsas, sálvias, manjericões A canção assim, de mim, ecoou, E meu amor, de sozinho, virou milhões

Tamanhas gôndolas, os mais diversos preços (tomilhos, hortelãs) O feirante notou meu bom humor Em julho é assim, então esclareço O mês em que tudo lembra meu amor

Passos à frente, um cabo alviverde (o radiche apresenta) Um amargor que é a força do aferro Lembro do pássaro que, no adejar, antevede Que um amor atarás rico em ferro A tomatada meninil se ruborizou (na presença do rubro) Uma cantiga eles me fazem compor Outrora verdolengo, seu semblante mudou Na presença do assaz engajado no amor

Faces, alfaces – tão fáceis de alçar (com os frisos ao vento) Libertados por um sopro entusiástico Numa reza intensa ao dom paladar E ao meu amor, em tom pleonástico

Algum trovão mais casmurro rosnava (nada muito expressivo) Mas pouco trovão não alui trovador Lembro da agrura nos talos de fava E a procelas mais graves foi posto meu amor

Enfim, o brado de Majestade pimenta (sobre o reino dos céus) Inspirador como este faz-de-conta, que diz Onde este meu amor se apresenta Aonde o nobre sentimento se encontra

Fui à feira logo após acordar O almeirão se dispôs com fulgor E me fez tudo para lembrar Daquele que é certamente meu amor

Lua Nova

A pátria, a mãe e objetos que voam

Luiz Carlos Heleno

Mãe sempre foi mais silêncio que alarde. Às vezes, uma canção assobiada em fim de tarde, enquanto cerzia as barras de uma cortina ou regava as plantas que cultivava no quintal. Mãe também levou a cabo seus instantes de ira, a fala ou opinião represadas se impondo no intento de ser ouvida. Enxurrada que carrega o pó acumulado pela rotina dos dias. Não me lembro de mãe e pai protagonizando cenas ou situações daquilo que conhecemos ou classificamos como violência doméstica. Havia ali um acordo tácito de casal consagrado, no sentido religioso da palavra. Na vida prática, isso era traduzido por mãe do lar e pai provedor. O casamento cotidiano em que o diálogo, com o tempo, se desidrata por letargia ou por liturgia silenciosa dos papéis sociais entre marido e esposa.

Pai sempre se mostrou um homem de paz (um pouco daquela inconsciente paz do marido no comando, ou da mulher como dependente econômica), mas nas inusitadas linhas de convivência da casa e do quintal, mãe, ao seu modo, sempre quebrou a possibilidade de que ela viesse a se tornar uma figura muda, obediente e decorativa

na convivência entre os dois. E é exatamente neste ponto em ebulição que alguns objetos entravam em cena. Hoje a gente brinca que dona Laura se manifestava, para poder ser ouvida, através de alguns objetos que voavam pelas aberturas de portas e janelas. Cada lembrança é um ribombar de gargalhadas entre nós, irmãos e irmãs: a percussão da alma de mãe que residia no corpo por onde corria o sangue ibérico de sobrenome Souza.

Nosso pai, na vida do casal, sempre pareceu ser o mais afeito às orações de profissão de fé no catolicismo - não que isso fizesse de nossa mãe uma mulher de menos fé. Ouso dizer que pai era mais oração; mãe era mais ação. Que cada um de nós faça a sua leitura, num exercício livre; creio que com saldo positivo de afetos. Mas, voltando aos objetos voadores, mãe nunca se privou de tê-los sempre ao alcance das mãos. A gente não pode dizer que nosso pai sufocava a opinião de nossa mãe; ele apenas tinha o péssimo hábito de não ouvi-la. Dependendo do assunto ela deixava barato, ao estilo "tá bom, esqueça". Diferentemente das vezes em que o calor surgido por razão de um tema mais espinhoso subia, nossa mãe se impunha para mostrar que quem reza às vezes também irrita. Então, o crepúsculo de alguns dias era povoado por alguns objetos que voavam sem asas: panela, xícara, talher, saboneteira - jamais na direção do corpo de seu contendor, no caso, nosso pai. O gesto explícito para demarcar a condição da mulher que pensa, e por isso existe. Interessante lembrar que nenhum desses objetos, em sua trajetória de voo livre, tenha atingido a nenhum de nós, ou qualquer passante desavisado próximo da área de discussão.

Como "livre pensar é só pensar" (já nos ensinava Millôr Fernandes), não é de todo absurdo imaginar que os objetos voadores pelas mãos de nossa mãe me deem asas para imaginar, neste ano de

Lua Nova

2021, de um jeito figurativo e afetuoso, que rebelar-se será sempre um gesto de impacto, para o bem ou para o mal. Em analogia, fazer tremer a apatia como veículo alegórico de corpos em ação, neste caso e neste momento em que os mortos nos cercam por todos os lados, para lá de quinhentos mil. Não podemos nos resignar com a paz dos cemitérios – pois que toda intenção em memória dos mortos se faça presente em forma de vida. Uma primeira atitude coletiva tem sido a de estar perto das pessoas de nosso mais estreito círculo de convivência, formando um abrigo de cuidados recíprocos. Nossa conversa e convivência têm sido, portanto, nossa sobrevivência.

Num tempo e num contexto em que palavras e imagens soam próximo de um amontoado tóxico de informações, o que mais assusta é a banalização da morte, que resulta em dois grupos de mortos: os mortos que se foram, e os mortos que ficamos. Já contamos mortos por todo lado. Há morte na esquina, no quintal de casa, nos arranhacéus, no interior, no exterior, dentro e fora dos hospitais. Nós já somos o cheiro da morte. Milhares de pessoas das classes mais vulneráveis caem aos montes. Para não perder o fôlego, a morte pelo vírus mostrou e disseminou seu alcance letal com capilaridade social e etária de forma indiscriminada.

Se na relação do quintal, a paz ainda prevalece por razões de afinidades e amor fraternal, nas dimensões de um país, as dificuldades são de ordem imensurável. O preço da paz, ou da possível harmonia, torna-se sempre incalculável: vida e morte se colocam em constante queda de braço.

Estamos tomados por uma apatia – a naturalização da morte pela incapacidade de agir ou de sentir, como que acometidos por um sono do qual não queremos ser despertados. Logo percebemos que o

sono não é sono, e sim algo parecido com uma catalepsia - uma espécie de rigidez que nos deixa impotentes e imobilizados.

Quase que por não achar um lugar de fala, temos percebido que o cuidado tem sido nossa mais saudável barricada. A munição do vírus que ainda nos cerca, ou dos vírus que virão, continuará substancialmente invisível e infinitamente mais poderosa que nossas simples proteções. Mas por ora são as proteções de que dispomos, e são com elas que nos preservamos vivos, para não nos tornarmos, caso agirmos de outra forma, os possíveis mortos do dia de amanhã.

Ao modo de mãe e seus objetos de protesto, juntamos forças em perscrutar os minutos em ciranda por onde voam (por proximidades ou por "digitalidades") outras maneiras de ações: a urgência em matar a fome que atinge milhões de pessoas; a decência judicial e política de denunciar o projeto necro-político em curso; a clemência e o afeto de cada qual em manter vivos na memória aqueles e aquelas que se foram. Cada qual de nós cabe em algum momento dessas caudalosas ações, inclusive naquela em que somos convocados/as, a cada quatro anos, através da qual usamos nossas digitais e nossas referências de vida para escolher o modelo de sociedade em que queremos viver.

•lua crescente•

Segunda fase lunar. Lua se afasta do Sol. Idealização, intuição. Expectativa e experimentação.

(Des)Amores de pandemia

Fagner Jorge

Eu estou solteiro há meses, e nem de longe sou um cara a favor do "politicamente correto"... Sendo assim, resolvi criar um perfil no Tinder. Sim, isso mesmo, paguei de "moderninho" e pretendia curar minha carência à la século XXI.

Tomado pelo otimismo e um pouco de constrangimento, selecionei as melhores fotos que tenho (e foi muito fácil), escrevi que sou uma pessoa "good vibes" e gosto de uns litrão... Nunca estive tão determinado a encontrar o verdadeiro amor da minha vida...

"Tudo pronto! Agora é só sucesso", pensei. Raríssimos "matchs". Fiquei profundamente revoltado, quase cheguei a questionar minha imensa sensualidade e charme. Mas depois de muita reflexão percebi que minha descrição estava pobre. Então, citei Nietzsche, Sêneca e Dostoiévski... E os tão aguardados "matchs"... não vieram!

Percebi que era hora de radicalizar. Eu menti mesmo: AMO ACADEMIA E MUSCULAÇÃO! Nenhuma discípula do Leo Stronda me encontrou. Se com o tema corpo fracassei, então vamos para política: ELE NÃO! Será que não há nenhuma petista romântica no mundo? A

saga continuava: VOTEI NO MITO SIM! E começou a dar certo: Atrai uma bela conservadora evangélica, mas me precipitei demais ao comentar que desviei do caminho do Senhor e o pecado me seduzia mais do que a privação. Ela desfez o match. Mas a busca incessante continuava...

Eu não sou sarado, mas tenho uma enorme autoestima e uma inteligência razoável. Pensei novamente: Como ser uma pessoa interessante neste ambiente tão hostil? Não encontrei respostas. Foi aí que joguei tudo para o ar e escrevi, já sem esperanças, a seguinte frase: "Faço bolo de cenoura com maestria, provavelmente melhor que sua avó." Inexplicavelmente, o Tinder bombou. Não pude conter minha felicidade e vibrei bem alto: "Aquele forninho vai ter trabalho!".

Mas o inimigo não descansa mesmo, e ouviu tudo. Hoje, tirando o frango com batatas do forno, percebi que ele tinha cumprido seu último trabalho na Terra e descansou para sempre. No almoço, as lágrimas escorriam, minha mãe sem entender nada comentava com meu pai: "O Faguinho anda meio depressivo, acho que é falta de uma namorada".

Início

Maria Eduarda de Marco

com esses olhos tímidos você me diz não dizendo e eu te ouviria por horas no som doce do silêncio

Rasa

Pode acreditar, o amor acontece enquanto a gente se esquece de tudo que já passou



Chocolate

Francieli Kazmierczak

— O que foi? Por que você está me olhando assim? — perguntou depois que o silêncio constrangedor se fez entre nós duas quando paramos de rir de alguma bobagem qualquer que eu falei e nem lembrava mais o que era.

— Nada... Nada não — disfarcei, desviando o olhar e voltando a amarrar o cadarço do meu tênis.

Já fazia mais de dois anos que éramos amigas, desde que ela chegou à escola e se juntou ao time de vôlei. Veio de outro estado, deixando para trás parte da sua família para morar no Sul. Era alegre e carinhosa. A mais solícita que eu já conheci e esforçada também. Fazia de tudo para dar o seu melhor e assim agradar a todos à sua volta.

Mas eu sabia — e como eu sabia — que por trás dessa garota doce e meiga existia uma alma latejada e sofrida, que chorava em silêncio sob seus cobertores. Sabia que ela carregava um sofrimento enorme no peito e não aceitava dividir com ninguém suas dores, só seus sorrisos.

E o seu sotaque me encantava. Seu jeitinho suave e pausado de falar, como se estivesse escolhendo as palavras certas para cada frase.

Sua voz era de anjo, cantando em harmonia com a voz e o violão de seu colega de banda, formando a canção perfeita para me inebriar em meio a sua alegria ao expressar seus sentimentos através da música.

Eupodia passar horas ininterruptas, até mesmo dias conversando com ela e não faltaria assunto, nem gargalhadas, nem olhares de admiração. Podia ser pessoalmente, por telefone ou WhatsApp, o importante era estar com ela, falando, escrevendo e tendo cada vez mais certeza que eu a conhecia um pouquinho mais a cada segundo.

Mas isso era suficiente?

Não sei e não tinha certeza se algum dia saberia.

Mas de algo eu estava certa. Eu me apaixonei por cada tom de sua voz, por cada frase dita, por cada gesto carinhoso e altruísta, por cada medo e insegurança que compartilhávamos, por cada lágrima derramada em segredo e cada sorriso estonteante. Apaixonei-me por cada peça desse quebra-cabeça que a formava.

E lá estávamos nós duas sozinhas naquele vestiário. Sempre éramos as últimas a terminar de nos arrumar porque ficávamos conversando, o tempo passava e nós nos perdíamos entre os segundos, minutos, horas.

O treino estava prestes a começar e por mais que eu amasse jogar, eu tenho que admitir, amava mais ainda os instantes que eu passava junto a ela e que eu queria eternizar a qualquer custo.

O ano já estava na metade. Dezembro seria sua formatura. Dois anos mais velha do que eu, mas com o corpo magro e frágil em comparação com o meu, alto, robusto e forte. Nossos tons de pele até pareciam se misturar às vezes. O tom dela era de chocolate amargo, intenso, puro, forte. O meu, chocolate ao leite, suave, misturado e doce, mas nossas personalidades eram exatamente o oposto de nossas peles.

Lua Crescente

41

Ela que era doce e suave. Eu, intensa e às vezes dura, mas com ela me transformava na mais amável possível.

Amigas? Até quando seríamos apenas amigas? Seríamos eternamente apenas amigas?

Tantas dúvidas rondavam a minha mente, dia após dia, e eu não tinha coragem de revelar meus sentimentos. Não queria perdê-la. Não, de jeito nenhum e se fosse preciso esconder esse sentimento, eu o esconderia pelo resto da vida para não correr o risco de assustá-la, de afastá-la.

E eu me perdi...

Perdi-me no meio desses pensamentos enquanto amarrava aquele cadarço, segurando ao máximo o meu olhar para não admirá-la enquanto se trocava.

- Amiga chamou e eu voltei a face em sua direção posso te contar um segredo? falou tímida, do jeitinho que me encantava.
- Pode respondi sem fazer ideia do que ela queria compartilhar.
 - Eu morro de vontade de te beijar.

Ela... Ela... Queria me... Beijar?

Meu coração acelerou, minha garganta secou, meus pulmões ficaram sem ar, os pensamentos fugiram.

Esquece amiga. Falei sem pensar. Desculpa. — desviou o olhar para o chão e eu continuava ali sem conseguir reagir, sem me mexer.

Ela queria me beijar? Eu não poderia perder essa oportunidade ou então, talvez, jamais teria outra.

— Espera! — segurei seu pulso quando ela passou por mim indo em direção à porta.

Novo silêncio. Sangue pulsando forte em minhas veias, mãos

geladas, olhos nos olhos.

— Eu... Eu também quero — falei quase num sussurro, temendo que ela não ouvisse. — Eu também quero te beijar.

Não consegui mais disfarçar os meus olhos que desobedeceram qualquer pingo de racionalidade que ainda me restava e resvalaram para os seus lábios carnudos, grossos e que pareciam tão macios.

Ela recuou, mas voltou e se aproximou de mim. Suas mãos foram até o meu rosto e eu a segurei pela cintura. Admirei cada centímetro de sua face perfeita, seus lábios apetitosos, seus dentes branquinhos aparecendo pela boca entreaberta e sei que ela fez o mesmo comigo. De repente nossos olhos se fecharam e tudo que eu senti foi o seu sabor de hortelã.

E ali eu percebi que o que eu sentia não era apenas amor ou paixão. Havia desejo também. Muito desejo. Um desejo oculto que estava guardado nas entranhas da minha alma e que fluiu por todo meu ser enquanto nossos lábios se conheciam, se deliciavam no sabor uma da outra.

Foi ali, naquele misto de sensações e emoções, que eu percebi que era muito mais do que eu poderia supor, era recíproco. Apenas nós duas e as paredes brancas daquele vestiário testemunhando o nosso amor e entrega em um beijo revelador e transformador.

Não sei precisar quanto tempo durou nosso beijo, só sei que quando o ar faltou e nós afastamos nossos lábios, abri meus olhos e encontrei com os dela, nossos corpos praticamente colados e nossos rostos ainda perigosamente próximos. Um sorriso de encantar iluminava sua face e eu não consegui disfarçar um também.

— Eu te quero... — sussurrei — Te quero só para mim!

O amor possível

Vem, meu amor!
A vida te chama lá fora!
Levanta dessa cadeira, dessa cama.
Desce as escadas, que eu te espero lá em baixo
Vamos encontrar a vida porque ela nos chama lá fora!

Meu amor, cadê você? A vida vai cansar de nos esperar! Meu amor, vem logo, por favor. Porque a vida tá pensando em nos deixar!

Tudo bem, eu entendo... ela é paciente Mas, meu amor, eu vou na frente, então Porque tenho medo de ela ir embora e nos deixar. Vou lá e digo que ela tem que te esperar também

Vem, meu amor! A vida é linda; maravilha de vida! A gente tá aqui fora, te esperando... Tá bem... vamos indo na frente que Você nos alcança ou Fica pra trás.

Vínculo afetuoso

Você não sabe o porquê Esse fio ainda te prende Essa lua ainda te lembra Aquele vínculo afetuoso

> Mera coincidência Que me faz questionar As mesmas interrogações

Quem sabe um dia Isso deixe de ser fantasia E volte a ser um elo que brilha

> Eu não sei o porquê Sorrio como uma criança Enxergo nos meus sonhos Aquele vínculo afetuoso

Julia Chagas

O Amor é minha maldição

B.F. Coala

Você acredita em amor à primeira vista? Eu acredito, até porque já aconteceu comigo. Era o primeiro dia de escola e eu tinha recémchegado na cidade. Estava animado para começar algo novo, longe de tudo e todos que conhecia. Cheguei cedo para a aula e me sentei do lado direito da sala, na terceira fileira da frente.

Como havia chegado cedo, fiquei um tempo olhando as pessoas entrarem enquanto esperava o início da aula. Os alunos foram chegando e eu os observava todo animado, até que ele entrou na sala e foi como se tudo ficasse em câmera lenta. Senti aquela sensação de borboletas no estômago e o fôlego me escapou. Nunca havia sentido algo parecido, o maldito cupido havia me acertado!

Ele foi andando na minha direção e se sentou na segunda fileira atrás de mim. Eu não resisti e fiquei olhando discretamente para trás várias vezes. O dia passou e foi bem legal, os professores eram engraçados e tudo mais... Mas não consegui tirá-lo da cabeça pelo resto do dia.

Durante aquela semana, troquei de lugar e me sentei mais ao fundo da

sala, para ficar observando ele melhor. Foi então que conheci e fiz amizade com um grupo de meninas que se tornaram minhas amigas para o resto do ano. Alguns meses se passaram, e eu apenas olhava e pensava nele. Comecei a fazer um curso de inglês que era no caminho de casa, e então passei a voltar a pé todos os dias. Até que um dia resolvi pegar uma rota diferente e, para minha surpresa, o encontrei conversando com um amigo no caminho por onde eu passava. Decidi, então, fazer esse trajeto todos os dias, e todos os dias ele estava lá.

Continuei observando ele de longe por algum tempo, mas teve um dia em que decidi deixar minha timidez de lado e sentar mais na frente, bem perto de onde ele estava sentado. Fiz amizade com várias pessoas incríveis por ali, principalmente com uma loirinha, que se tornou minha melhor amiga na escola. Depois de algum tempo, descobri o nome e o número dele pelo grupo de WhatsApp da sala e comecei a dar aquela stalkeada nas redes sociais.

Alguns dias mais tarde, puxei assunto com ele pelo Whats como se tivesse mandado mensagem para pessoa errada, e conversamos um pouco – foi quando eu descobri que ele torcia para o mesmo time que eu! À medida que convivia mais com ele, sentando perto dele e conversando, descobri que ele era a pessoa mais doce e gentil que eu já tinha conhecido. Ele era muito inteligente, engraçado, tinha um sorriso lindo, era uma pessoa realmente boa. Nos dias em que conseguia sentar ao lado dele, eu ficava tão feliz! Começamos a ir embora juntos. Eu o acompanhava até a casa dele, que era um pouquinho depois da minha escola de inglês, e a cada dia ia ficando mais in love por ele.

O final do ano foi chegando e os vestibulares começaram. Ele passou no curso que queria, mas eu infelizmente não tive a mesma alegria. A última vez que o vi pessoalmente foi no ano seguinte, quando

Lua Crescente

ele me chamou para ir comer pizza com os amigos. Foi bem legal, por mais que a minha timidez tenha atacado, o que me levou a ficar muito calado a noite toda. Depois disso, ele foi para faculdade e eu fiquei fazendo cursinho até passar no vestibular. Durante os 5 anos que se passaram, não teve quase um dia em que eu não pensasse nele. Mantemos contato por mensagem e por um jogo que jogávamos juntos, mas nunca tive coragem de contar o que sentia para ele, nem para alguém que pudesse falar por mim. Sempre tive medo de ele não querer mais minha amizade ou de virar motivo de piada para algum amigo dele, de ser rejeitado por ser apenas eu, ou ele ser como eu.

Mas eu já venho pensando em me declarar de uma vez. Acho que preciso fazer isso por mim, para conseguir seguir em frente. Mesmo que, nesses casos, não seja a cabeça quem manda, mas sim essa porcaria de coração, não posso mais ficar assim, porque dói bastante. Eu me odeio por querer estar com ele o tempo todo, querer abraçá-lo e não soltar mais, dar a ele todo o carinho e atenção do mundo, e ter que me contentar em ficar olhando o twitter dele toda hora até eu parar de ser idiota. Só queria que ele soubesse o quanto significa para mim e que sempre que precisar eu estarei lá por ele.

Assim está essa história, parada no tempo, até que eu pare de me torturar e desabafe para conseguir seguir em frente. O Amor pode ser considerado uma graça ou uma maldição. Para aqueles que são correspondidos é uma graça, mas para aqueles que — como eu — não tem o amor de quem amam, é uma maldição. Caímos em um feitiço que nos deixa cegos, fazemos coisas bobas toda hora, passamos muito tempo nos torturando e sofrendo por algo que não podemos ter. É algo desesperador! As pessoas que se encontram nessa situação precisam ser fortes para tentar seguir em frente.

• lua cheia •

Terceira fase lunar. Lua iluminada pelo Sol. União entre Yin e Yang. Expansão, abundância. Força e movimento.

Lua Cheia

Amanda

Caroline Moresco

Amanda entrou na panificadora mais próxima do trabalho, sentou-se e pediu o de sempre: pingado e pão com manteiga na chapa. Perdeu-se no sono que estava sentindo naquela manhã de quinta-feira, e só acordou quando o atendente lhe entregou seu pedido. Sentada em uma mesa com uma minúscula janela ao lado, admirou o Sol que subia e ia iluminando, pouco a pouco, a rua, enquanto esta se enchia de pessoas correndo atrás de suas vidas, cada vez mais.

Depois que bebericou seu café e xingou por ter queimado o lábio superior, pensou que há tempos não corria atrás de sua vida. Tempos, digo, alguns meses. Eu sei, está pensando que ela teve um término de relacionamento, que ela está sofrendo por amor. Te informo: não é de toda mentira o que pensou. Amanda, verdadeiramente, está sofrendo por amor. E o amor era real, viu? Era amor dos maiores; desses amores que não se encontram em qualquer esquina.

Amanda perdeu os pais muito cedo, aos 12. Um acidente. Trágico, eu sei. Mas deixaram uma fortuna enorme pra ela (pelo menos teve um lado bom, certo?!). Sua avó materna, falecida há anos, nunca a

conheceu. Sua avó paterna, não conhecia muito bem, pois esta odiava sua mãe e cortou relações com o filho depois que ele se casou. Doze anos anos, eu te disse. Processo judicial complicado. Papéis. Psicólogos. Entrevistas. O sofrimento todo reprimido por vergonha dos amigos do colégio que riam. Decisão. Decisão péssima. "Vai morar com a avó paterna", disse o juiz.

Amanda abaixou a cabeça, pensou "tudo bem, só quero uma casa" e foi. Sofreu. Tinha casa, mas era só material. A mãe cantava uma música pra ela dormir que dizia que lar era onde havia amor. Lá não tinha amor. Tinha ordens, horários, rotina. Sofreu e sentiu dores físicas. Pediu socorro do pesadelo com a aranha que queria devorar a casa; ganhou safanão e luz apagada. Anos assim. Adolescência rebelde. Sabia que tinha herdado dinheiro, mas não podia usar. Injustiça! Absurdo! "Odeio vocês! Odeio todos!". Sofreu. Sentia dores físicas, mas as que mais doíam eram dentro dela. Amanda foi forçada a estudar. Estudar como louca, te garanto. Amanda era a melhor da turma, ganhava todos os prêmios, recebia aplausos das plateias mas, quando descia, recebia apenas um "ótimo" da avó.

Chorava. Usava muita maquiagem aos 16, pois as olheiras eram profundas e os medos transpareciam. Sofria. Passou no vestibular. Segundo lugar. Ganhou bolsa. Fez sucesso entre os professores como a boa aluna que era. Fez sucesso entre os garotos. Fez sucesso entre as garotas. Quase se perdeu nas festas e, quando este momento quase chegou, levou safanão. "Safanão aos 19 anos?! O que tens na cabeça, velha louca?!". Explodiu. Machucou. Espalhou os cacos de sua dor. Sofreu. Não tinha dor física, o safanão vinha de uma senhora velha que não tinha forças para machucar. A dor de dentro era enorme. Então decidiu: "Vou abaixar minha cabeça. Quando me formar, me mando

Lua Cheia

55

daqui".

Assim o fez. Formou-se. Na formatura, depois de ser aplaudida a aluna destaque e ter ganho a pós-graduação, desceu do palco e foi sentar-se. Não esperava abraço ou sorriso. Sabia o que viria. Sentou-se e ouviu um pigarro ao lado. Olhou e viu a avó. De pé. Braços abertos. Sorriso largo. Lágrimas escorrendo. Dizendo com os lábios: "Abraça eu". Amanda ficou em choque. "Faço o que, meu Deus?". Levantou, sem jeito. Não sorriu. Abriu os braços e abraçou. Quando abraçou; braços moles, sem vontade; recebeu o melhor presente: lar. A avó a envolveu em abraço apertado, cheio de dor, de mágoa, de orgulho, de felicidade. Redemoinho de emoções que deixou Amanda tonta. "Não posso cambalear, a avó não aguenta, tá fraca".

Sustentou. Esperou o abraço terminar enquanto lutava para apagar uma chama em seu coração. Começaram os soluços. Amanda não entendia por quê a avó estava chorando tanto. Não fazia sentido. O abraço apertou e os soluços aumentaram. Amanda trancou a respiração ao perceber: os soluços eram seus. Seus soluços reprimidos de anos de falta de amor, de carinho. Soluços expressando sentimentos indefinidos, desesperados. Soluços que gritavam "Por quê?", "O que eu fiz?", "Te perdoo". Ah, Amanda, se você pudesse, voltaria naquele dia sempre, né?!

Pra você entender, depois desse dia Amanda e avó viveram felizes. Amanda nunca teve coragem de perguntar o motivo de tamanha falta de amor por tanto tempo. A avó nunca teve coragem de contar o motivo de tamanha falta de demonstração de amor. Ficaram assim. Esqueceram de tudo. Fizeram as pazes. Decidiram ser felizes. Fizeram tudo: viagens, filmes, comidas, risadas. Amanda, então, em meio à felicidade, recebeu uma ligação. "Amanda? Neta da senhora Maria?".

"Sim, o que houve?". "Venha ao Hospital vinte e quatro horas da cidade, por favor". Amanda foi. Coração batendo forte. Peito doendo. Amanda chorou no caminho, mas lembrou que tinha que ser forte, como sempre foi. Sofreu, Amanda.

A dor era física, o peito apertava e ardia e as mãos soavam. O volante escapava e ela teve medo de morrer à caminho e não conseguir chegar para ajudar. Chegou. Entrou. Deu o nome. Ouviu um suspiro e seguiu o médico. "Amanda, o quadro de sua avó é grave". Ouviu, mas não conseguiu entender. "Grave?". "Não há mais que um dia de vida.". Amanda parou. Olhou ao redor. E riu. Riu uma risada amarga e apontou ao médico: "Tu não brinca com isso!". "Não brinco, Amanda. Sou médico. A verdade é que sua avó não tem mais que vinte e quatro horas de vida. Vá vê-la. Não se preocupe comigo agora.".

Amanda acordou do êxtase. Engoliu o nó que se formou na garganta e correu por todo o corredor, até chegar no último quarto da direita. Parou na porta. Respirou fundo uma, duas, três vezes. Abriu a porta. Quando viu uma coisa miúda e sofrida na cama, desistiu de segurar qualquer emoção. As lágrimas vieram quentes e pesadas. Os soluços eram altos e o peito implorava por alento para a dor. Correu pra cama. Abraçou a avó inconsciente. Ouviu sua respiração descompassada e teve medo. Medo de ficar sozinha no mundo, medo de não conseguir seguir em frente. Medo de ser sempre uma fodida que só está nesse mundo para perder quem ama.

Ouviu um gemido. Olhou a avó e viu um olho aberto, pequeno. Sorriu e tentou memorizar a cor dos olhos dela. Marrons esverdeados, feito pântano, que a gente mergulha e não sai mais. A avó murmurou algo baixo, Amanda não ouviu. Colocou o ouvido do lado da boca da avó. Pediu: "Fala mais uma vez, vó". A avó murmurou num fio de

Lua Cheia

57

voz: "Eu prometi que ia te fazer a melhor mulher que eu pudesse... eu tentei... perdoe minha falta de amor... eu te amei escondida no meu quarto todos os dias... eu te amo.".

Quanto tempo levou pra avó dizer tantas palavras? Não sei e nem Amanda quer saber. Sei apenas que as três últimas palavras doeram. A percepção de que ainda não tinham dito tal coisa uma à outra. Assim como doeu o "piii" contínuo do aparelho ao lado da cama e a entrada dos médicos correndo e a mandando sair. Saiu atônita. Não conseguiu mais chorar. Tinha ouvido o que sempre quis, e nem sabia que queria. Amanda foi completa por um segundo e perdeu o mundo no segundo seguinte. Ah, Amanda, que vida fodida. Desde a passagem da avó, Amanda não conseguiu mais correr atrás da vida. E ali, olhando o Sol iluminando a rua, quase pode sentir o toque da avó no seu ombro, enquanto fazia trabalhos da pós-graduação, e sua voz dizendo: "Você consegue mais que isso". E naquele segundo decidiu: "Vou ser feliz".

Amanda levantou-se. Pegou suas coisas. Deixou o pagamento do café-da-manhã na mesa e saiu. Não para o trabalho. Saiu para a vida.

Alisson Fernando da Silva

Quando me encontrei foi amor à segunda vista.

Como se estivesse acordando de uma longa noite de sono junto da pessoa amada e percebesse que não era um sonho.

A pessoa especial de quem tanto ouvira falar realmente existia. Foi desencantador.

O encontro foi fatal, o casamento profícuo e a transa alquímica.

A gravidade do amor foi tanta que a vontade de criar na porta está a bater.

Quer dar à luz um par de versos, iluminando o universo que tem dentro do meu ser.

Estou grávido de mim.

Me exprimindo pra nascer.

Me expressando pra existir.

Quando encontrar-te

Murilo Rocha

Quando encontrar-te, querida, Direi que o globo ficou mais redondo e passou a dançar desorbitado, seguindo onde quer que tenha sol, e conosco há muita luz;

Que não há mais espécies em extinção, a energia criativa voltou ao seu estado natural e que fostes criada numa chispa de rocha;

Direi que o mundo esfriou e o oceano se purificou, que o gelo dos polos aumentou e a reserva de oxigênio se ampliou;

Que em nossa terra se planta, semeia e floresce, que, com teu regar, os genes crescem e as divisões mágicas convalescem; Ah! o amor

tão esperado tão desejado tão querido

tão mal, tão mal

compreendido

Marcos A.D. Pereira

Eu não estou apaixonada por você

Emily Gomes

Eu só me sinto confortável pra ser eu mesma com você.

Sei que posso fazer minhas piadas idiotas e você vai rir delas.

Eu só me sinto ansiosa quando vou te ver, mas não sinto aquele frio na barriga como os amantes costumam sentir.

Eu só deixo você contar a mesma história cinco vezes porque não quero interromper sua vibração. E quando estamos no mesmo lugar, mesmo você estando distraído conversando com os nossos amigos e um tanto quanto longe de mim, sinto vontade de te beijar.

Mas apaixonada por você? Tenho certeza de que não estou...

me embriaguei no seu abraço e minha ressaca é a saudade

Maria Eduarda de Marco seu beijo efeito cafeína acelera o coração tira o sono e vicia

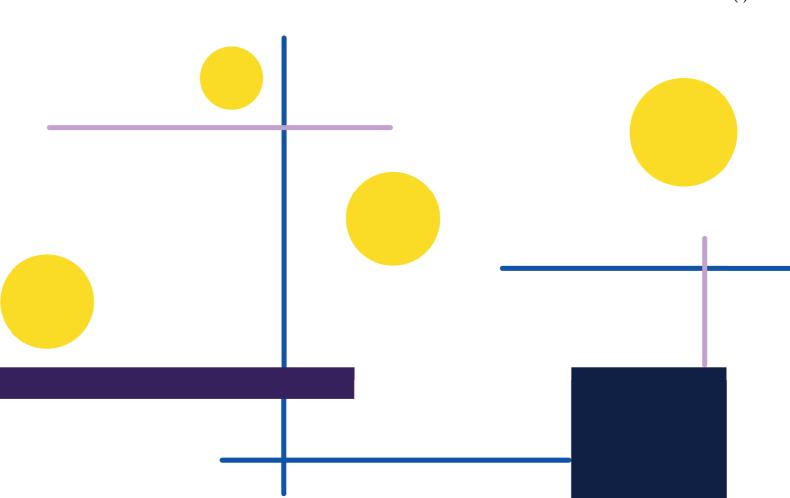
Eu tenho medo

Mayara Santos

Eu tenho medo de te magoar,
Eu tenho medo de nada disso ir além,
Eu tenho medo de tudo acabar,
Eu tenho medo porque você não tem.
Eu tenho medo que me largue,
Eu tenho medo que quando você for
leve mais que de mim um simples pedaço,
Eu tenho medo porque você não é de aço...
Eu tenho medo que me esqueça como um velho
parque.

Maria Eduarda de Marco

você me deu corda e eu fiz nó(s)



No azul, sendo observado pelo céu ou pelo mar; No azul, tendo o ar arrancado de meus pulmões enquanto subo ou preenchidos enquanto afundo; Maldito seja, o azul, e a ela que possui tal cor no olhar; Em meio ao azul, seja do céu ou do mar, seu azul é a única coisa capaz de me dominar. Acordei antes que você hoje. Eu sei, eu sei que é domingo. Mas acordei mesmo assim, Sem querer. O sol veio e eu não pude evitar de Abrir os olhos, Abrir a alma, Abrir um sorriso. Mas amor, só pra você saber O sorriso só veio Quando olhei o sol batendo em seu cabelo solto. Você nunca solta o cabelo pra mim. Tão lindo, Embaraçado, Desgrenhado, Despenteado. Lá estava eu, meu amor, Sorrindo feito bobo para o sol e para você.

Mas só sorria para o sol porque, Por um grande acaso, Ele conseguiu a proeza de te fazer ficar mais Bela Oue a mais linda Tela. Meu amor, eu sei que é domingo, mas Caroline Moresco Não pude evitar.

Reclamação!

Mayara Santos

Eu não reclamo mais...
Por medo de perder.
Já senti o gosto amargo,
Mas dói tanto.
Se esforçar por você
E te ver sorrindo pra outra.

Não posso te ver, Não posso te abraçar, Não posso sentir seu perfume.

E eu já reclamei umas vezes, De tantas, você me repreendeu, Repudiou-me. Eu só queria ter o que ela tem. Você!

Mas as palavras machucam... E com o pouco que tenho Eu não reclamo mais!

•lua minguante•

Quarta fase lunar. Fim de um ciclo.

Descanso e recolhimento.

Saudade

Rafael Luz

Mais uma vez a cama fria me fez acordar antes do horário programado no despertador. O hábito de buscar pelo calor do seu corpo todas as manhãs continuava cristalizado em mim, mas não era suficiente para preencher o vazio ao meu lado. Quando o alarme soou no celular, eu já tinha arrumado a cama e colocado água para ferver. De maneira quase automática dei início ao ritual do café para começar mais um dia. Depois de coado e servido, sentei-me à mesa e, como tenho feito todos os dias desde que você se foi, pousei meus olhos na cadeira vazia à minha frente. Em seguida o vapor aromático que costumava revigorar nossas manhãs invadiu minhas narinas e seguia para os pulmões como um soco no peito, trazendo consigo as recordações de sempre.

"Assim vou acabar morando aqui." Foi o que me disse da primeira vez que preparei o café da manhã pra gente.

"Esse é o plano." Admiti, completamente apaixonado.

E deu certo, pois pouco tempo depois você já tinha se mudado para cá.

Acostumado a acordar mais cedo, me habituei a preparar o café todas as manhãs. Em consequência, a admirar o sorriso em seu rosto ao sentir o cheiro que tomava conta do apartamento. Lembro do sabor adocicado de seus lábios entre um gole e outro; da pele se arrepiando com um beijo suave no pescoço e do abraço acolhedor que havia se tornado meu refúgio diário.

Depois que você partiu, pensei em nunca mais preparar essa maldita bebida e tentar esquecer de tudo que passou. Recomeçar, quem sabe. Mas você está tão presente em sua ausência, que me acostumei com a rotina de dilacerar-me matutinamente. Afinal a dor é um meio de recordar, não é mesmo? E se esse é o preço para mantê-lo ao meu lado, eu aguento, pois a ideia de te esquecer soa ainda mais dolorosa que a de tê-lo perdido. Por isso me sento aqui todas as manhãs e revivo nossa história tanto quanto meu coração pode suportar.

Quando finalmente tomo a xícara em minhas mãos, me dou conta de que o café já está gelado. Este é o sinal que tem me ajudado a não me perder no passado. Com ele, seco as lágrimas que vincam meu rosto e me levanto para despejar o líquido no ralo sem ter tomado uma única gota.

A xícara vazia e o líquido desperdiçado sempre me fazem pensar que, no fundo, eu nunca gostei de café, eu gostava de você, por isso preparava todas as manhãs e por isso continuo preparando. É o jeito que encontrei de te ter comigo e matar a saudade que ficou com sua partida.

- Você se mataria pela pessoa que "ama"?
- Ela já me mata aos poucos todos os dias...

Amados

Marcos A.D. Pereira

Pra quem foi antes pra quem precisou ou aprendeu a voar primeiro fica aqui um lugar grande no peito Amor não morre

A flor que era flor Olhos verdes de amor Tinha canteiro regado Coração adorado Que o vento sufocou

> Tirou-lhe todo amor O regado, secou Só sobrou-lhe os olhos verdes Repleto de esperança Que nem essa se salvou

Luiza Balliana Rossatto Opuszka

81

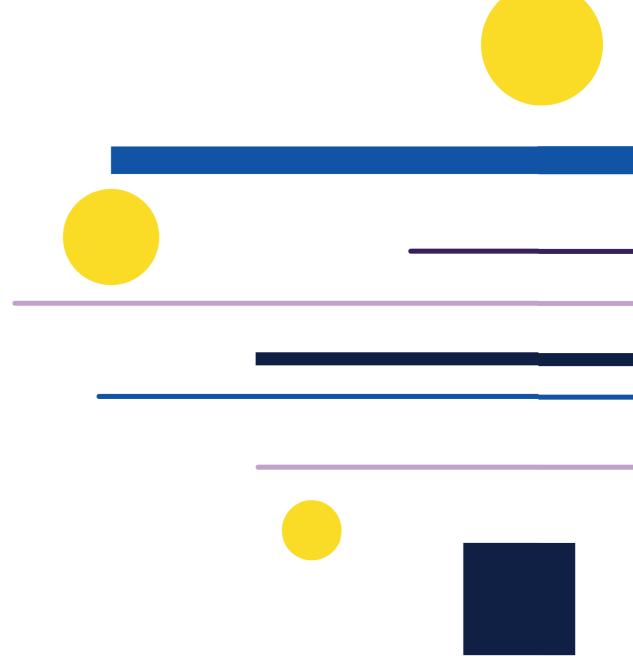


As flores são ocasionais Intencionais como o silêncio Mantenho a chama acesa Contudo, anseio me queimar

A entrega é um risco E você aspira por algo Que agora não posso lhe dar

Há perguntas para as quais Não tenho respostas Para onde iríamos Se voltássemos atrás?

Ainda que de nada me arrependa A ti mesmo guardei o apaixonar E nunca disse que seria eterno



Paloma Medeiros

Do alto de uma janela, Via e ouvia o violino. Lá na rua sozinho Iluminado pelo brilho da cidade, Romantizando com a melodia antiga. Aquela partida. Aqueles olhos. Iluminados pelo brilho das artes

Entre Sócrates e Platão, Me encontro inundada em esperança Afogada em saudades Iluminada pelo brilho da cidade. O violino dele embala saudades.

Estrela cadente

A cada amor que se vai uma estrela cadente cai e ficamos aqui sozinhos decadentes

William Kokubun

Maria Eduarda de Marco

nunca te amei você foi minha desesperada tentativa de amar a mim mesmo

exausto da cegueira mergulhei sem saber nadar e me vi no oceano

há pouco me enxergo da beleza à podridão e sambo comigo só e (quase) são

de todos os amores hoje só me interessam os que descobri em mim: reais, livres e gigantes

Eventualidade

Julia Chagas

Existências paralelas Plenamente desconexas Não há sintonia que una Sequer molde que encaixe

Desde a linha do tempo Eu e você não somos nós Miraste friamente o esplendor Enquanto eu estava a fascinar

Metades nunca são o suficiente O que busco é a fusão de inteiros Não sou capaz de completar-te Nem destino-me a tal missão

Para sempre será eventualidade Um acaso descontínuo passado Aquela mera ternura espontânea Nossas almas não poderiam suscitar

Sobre você

Julia Chagas

A quem é segredo O que sentia não morreu Mesmo que não faça sentido Meu coração ainda é seu

Ainda que eu vibre A cada conquista Me desola não estar Na realidade prevista

Queria que soubesse Não poder estar contigo O quanto me entristece

Cada uma daquelas palavras Em pretextos sem contextos Foram sempre sobre você

Poesias para o seu ego

Eu nunca mais te liguei, pois você nunca mais atendeu. Você nunca mais me escreveu, pois eu nunca mais respondi

E assim, aos poucos, todos os "não vivo sem você" se tornaram um grande vazio. Porém...
Estou tão cheia de mim, Que nem percebi...
A falta que você me faz.

Paloma Medeiros

Preciso

Mayara Santos

Parar de enviar mensagens todos os dias,
Parar de puxar conversa,
Parar de me preocupar,
Parar de chamar a todo momento,
Parar de ligar,
Parar de depender,

Começar a esquecer, Começar a desprender, Começar a ir atrás de outro alguém, Ir além...

Substituíveis

Eu sempre tive medo e já lhe contei o porquê. Eu sempre tive medo, pra quê? Talvez eu já sabia que era você quem eu [tinha que proteger. Substituíveis

Como um lobo,
Atrai suas ovelhas
Fotos, drogas e drinques... Iludidas...
Mal sabem...
em poucos meses
Se perguntarão o que fizeram de errado!

Assim vai ele,
Atraindo suas presas,
Com chamegos e elogios,
Passando pelas pernas e jovens alegrias,
Deixando de lado a melancolia,
Mergulhando na carne podre,
Não envelhece nunca!

À elas, restou apenas a decepção e o coração em pedaços, Destruídas e invadidas, Elas permitiram, Deixaram-se levar por ele E agora pagam o preço... Vendo-o partir em direção a próxima caça...

Mayara Santos

Amor à distância

Isabela Stanga

Abril de 2001, a Páscoa batendo na porta e Adriana descobriu que estava grávida. Dona Ilda, na época com 59 anos, soube que seria avó. Cheia de felicidade, foi ao mercado e comprou um coelhinho de pelúcia, aproveitando o clima "pascolino". Mas, eis que Adriana faz a grande revelação: são dois bebês gêmeos! Dona Ilda não se aguenta de alegria e volta ao mesmo mercado, a fim de comprar um outro coelhinho para o segundo bebê. Não o encontrou.

Assim começou a nossa história. Eu a ouvi contar a saga do coelho umas dez vezes, e em nenhuma me cansei. As netas nem tinham nascido e ela já não queria que nenhuma ficasse sem presente. E isso foi só o começo. Ela nunca nos deixou faltar nada, muito menos amor.

Dona Ilda era uma avó fofa. Descendente de italianos, com olhos bem verdes e um rosto tão amável que era impossível não sorrir ao vêla. Fazia crochê e era telespectadora assídua da rede Aparecida - mas também do Big Brother, tanto que "hoje eu não quero ver vida de santo, quero ver BBB" se tornou uma de suas frases mais famosas.

Ela sempre esteve acostumada a hospitais, já que passou por um

total de 17 cirurgias ao longo da vida, principalmente nos joelhos e nas pernas: chegou a colocar uma placa de titânio no fêmur, a qual trincou, e teve que ser substituída por uma haste de ferro. Assim, desde que eu me conheço por gente, minha avó não andava direito, dependia de bengalas, andadores e, mais recentemente, de uma cadeira de rodas.

Mas o que lhe faltava de saúde física ela esbanjava em vivacidade. O papo com Dona Ilda era leve, gostoso: parecia, às vezes, que se conversava com uma pessoa 30 anos mais nova que ela. Ouvia com atenção a todos, porém principalmente os seus xodós, as únicas netas - essas ela privilegiava com toda a sua atenção e todo o seu carinho.

Era uma delícia chegar na casa de Dona Ilda, dar-lhe um beijo, sentar ao seu lado e passar horas abraçada a ela, conversando. Eu e minha irmã podíamos ter 6 ou 19 anos, não importava: éramos sempre princesinhas aos olhos dela.

Falar em amor sem citar a Dona Ilda, para mim, é impossível, porque jamais vivi amor mais puro do que este. Era um encontro de almas, uma sintonia inexplicável - a incondicionalidade em sua forma mais verdadeira. Entretanto, tudo o que é bom sempre acaba.

Se alguém me dissesse em janeiro que esse seria o ano em que minha avó morreria, eu riria de escárnio ou ficaria com muita raiva. Que absurdo! Está tudo bem... Era o que parecia.

Em 8 de julho, a vida me jogou um balde de água fria no rosto: minha avó foi internada no hospital. E o que era para ser um ou dois dias acabaram virando 112. Em sua primeira noite de internação, foi entubada, e os médicos lhe deram poucas horas de vida. O diagnóstico era tromboembolismo, o que significava que os pulmões dela estavam muito fracos. Ela ficaria ligada em um respirador até que pudesse passar 48 horas completas sem ele - só aí ela sairia da UTI.

Isso nunca aconteceu. Em mais de três meses de internação, Dona Ilda lutou pela vida, porém não conseguiu passar mais de 36 horas respirando sozinha: os médicos fizeram de tudo, mas os pulmões dela não reagiam. Assim, ela nunca chegou a ir para o próprio quarto hospitalar, e passou seus últimos 112 dias na UTI, acompanhada de médicos e enfermeiros, pois a visita familiar era de somente uma hora ao dia.

Mesmo que não suportasse mais a rotina do hospital, as dores e as suas cruzes, Dona Ilda encontrou forças para sorrir para mim nas vezes em que fui visitá-la. Foi a mesma avó de sempre, era como se ainda estivéssemos em sua casa. Sua voz não saia por causa do respirador, mas conversávamos através de leitura labial. Queria saber da minha vida, do meu namoro, da faculdade, dos meus planos. E sempre falava que iria voltar para casa: estava com saudade dos gatos, da comida, de ver televisão em paz.

Da última vez que fui vê-la, há um mês, ela estava bem, aparentemente, e conversou comigo normalmente (daquele jeito de respirador). Porém, a médica, pela primeira vez, decidiu dar as notícias diárias em uma sala separada, me levando para longe da vó. "Não vou falar em frente à Dona Ilda hoje, porque você sabe, ela é ansiosa, e isso pode afetar o tratamento. Ontem ela nos deu um susto: teve um ataque cardíaco. E pode ter outro em breve".

Foi ali que eu percebi que ia perdê-la. Segurei o choro e passei a minha última hora com ela: foi perfeita. Assim que pisei o pé para fora da UTI, desabei.

Dois dias depois, Dona Ilda teve outro ataque cardíaco, esse mais forte, que lhe causou danos cerebrais e estimulou uma falência de seus órgãos. Ela nunca mais acordou depois disso. Era dia 28 de setembro.

Os médicos, de novo, lhe davam 24 horas, 48 horas de vida.

Mas a guerreira Dona Ilda ainda resistiu por quase um mês, contrariando as estatísticas. Veio a falecer somente em 27 de outubro, menos de três dias antes do aniversário de suas amadas netas.

Ela falou sobre nós para todo mundo daquele hospital. Era impressionante: ao pisar os pés na UTI e falar que era neta da Ilda, pronto. "Ah, é você uma das gêmeas? A Dona Ilda nos contou muito de vocês!". Aposto que ela pensou em nós tanto quanto nós pensamos nela durante todo esse tempo, vivendo um amor à distância: nós, em casa, ela, no hospital.

Agora, continuamos à distância, mas em diferentes planos. Minha avó não está aqui mais para me abraçar, nem beijar, nem brincar, nem fazer as suas famosas provocações ("tem que namorar sério nada, menina! Aproveite os brotinhos!"). Ela sempre vai estar vivendo comigo, seja nos meus traços, na minha personalidade (em nossa última conversa, ela disse, dando-me um tapinha: "mas você é igual a sua avó, né?") e, é claro, nos meus pensamentos. Tenho certeza que, na minha vida, jamais terá alguém como Ilda Maria.

Lua Nova, Lua Crescente, Lua Cheia e Lua Minguante

As quatro fases do amor

Idealização, expectativa, realização, fim. O amor acontece de diferentes formas e pode ser visto de inúmeras maneiras e interpretações. O amor pode começar no fim, acabar na idealização, ser só expectativa ou se tornar o prazer ou a frustração da realização. Este livro é sobre essa inconstante chamada amor e suas diferentes facetas. Será que você consegue encontrar a